

O eterno retorno ou em busca do tempo perdido. Sobre o teatro de grupo, a Revista e um Brasil cordial, por Kleber Montanheiro⁸⁷

Resumo: Em 2009, a Cia. da Revista foi contemplada pela 15ª edição do Programa Municipal de Fomento ao Teatro com um projeto que buscava pesquisar cenicamente e levantar reflexões sobre a cidade. Os resultados desse processo, diante do público, representaram um avanço estético da companhia; aprofundaram os estudos sobre: as raízes do Brasil e a formação do caráter do povo brasileiro e quanto ao teatro de revista, resultando o espetáculo *Cabeça de papelão*. O teatro de revista, referência constante da companhia, contribuiu diretamente para a formação cultural do Brasil, aliando sátira, duplos sentidos, acontecimentos histórico-políticos e comportamentais, hibridismos formais da contemporaneidade. Um novo olhar sobre a forma deve – no sentido de comunicar e provocar, discutir e reagir –, rever, sobretudo, as relações sociais em tempos de combustão.

Palavras-chave: teatro de revista, Cia. da Revista, teatro de grupo, *Raízes do Brasil*, Sergio Buarque de Holanda, *Cabeça de papelão*.

Abstract: In 2009, the Cia. da Revista was included under the 15th edition of the Municipal Development Program to the Theater with a project that sought to search scenically and raise reflections on the city. The results of this process, before the public, represented an aesthetic achievement of the company; deepened studies: the roots of Brazil and the formation of the Brazilian people as to the character and musical theater, resulting in the *Cabeça de papelão* spectacle. The revue, constant reference of the Company, directly contributed to the cultural formation of Brazil, combining satire, double meanings, historical-political and behavioral events, formal contemporary hybrids. A new look at the form must - to communicate and lead, discuss and react - review, especially social relations in burning times.

Keywords: musical theater, Cia. da Revista, theater group, *Raízes do Brasil*, Sergio Buarque de Holanda, *Cabeça de papelão*.

⁸⁷ Ator, diretor, cenógrafo, figurinista e iluminador, dirige a Cia. da Revista, grupo com sede na Santa Cecília - SP, com repertório dos espetáculos: Cada qual no seu barril, *Carnavalha*, *Kabarett* e *Cabeça de papelão*. Recebeu diversos prêmios FEMSA, APCA e indicações ao Prêmio Shell pelo espetáculo *Cabeça de papelão*. Sua última direção foi a montagem do musical *Ópera do malandro*, de Chico Buarque de Holanda.



Foto de Bob Sousa. Cia. da Revista. Adriano Merlini e Flávio Tolezani em *Ópera do malandro*.

[...] que, como em geral de todos os países lendários era o mais comum, o menos surpreendente em ideias e práticas [...] o povo que o habitava julgava-se além de inteligente, possuidor de imenso bom senso. Bom senso! Se não fosse o país do Sol, seria o país do bom senso.

João do Rio (*O homem da cabeça de papelão*).

Para mim o fazer teatral se concentra na potencialidade do teatro de grupo. O debate de ideias, a forma cênica aliada à prática da colaboração, da verticalização de argumentos e a exposição no palco de um resultado que foi “digerido” não por intérpretes, mas por artistas que compreendem a criação teatral em todas as suas etapas.

Em 2009, a Cia. da Revista - grupo que dirijo artisticamente - foi contemplada pela 15ª. edição do Programa Municipal de Fomento ao Teatro com um projeto que buscava pesquisar cenicamente e levantar reflexões sobre a cidade: *Bras-Ilha – carnavalização e civilização na cidade ideal*. A pesquisa realizada em 10 meses possibilitou o aprofundamento na linguagem do Teatro de Revista e o estudo cênico de materiais diversos: a peça *Ascensão e Queda da Cidade de Mahagonny*, de Brecht, o desfile do carnavalesco Joãozinho Trinta, *Ratos e Urubus larguem minha fantasia*, e

os 50 anos da fundação da cidade de Brasília. Os resultados daqueles 10 meses de mergulho, enriquecido pelos constantes experimentos diante do público, foram um avanço para o amadurecimento estético da companhia e, conseqüentemente, para o aprofundamento em uma linguagem que explorasse o Teatro de Revista em sua potência contemporânea, além da consolidação da equipe criativa do grupo (boa parte dos estagiários desse projeto foram agregados ao núcleo artístico). Tudo isso promoveu um norte à companhia e levantou novas questões. O resultado cênico que emergiu diretamente daquele processo de pesquisa foi o espetáculo *Cabeça de papelão*. Este processo desnudou a vocação deste coletivo, que se delineou mais claramente para a continuidade de sua trajetória: refletir sobre as raízes do Brasil e a formação do caráter do povo brasileiro, utilizando-se da linguagem do Teatro de Revista. O espetáculo, além de adaptado do conto de João do Rio, foi expressamente inspirado no ensaio *O homem cordial*, de Sergio Buarque de Holanda; uma dramaturgia foi criada com a participação direta do núcleo artístico e revelou um novo momento de ação para a Cia.: os questionamentos se desdobraram gerando uma inquietude em cena e na continuidade do trabalho em sala de ensaio.

A obra de João do Rio, embora escrita na *belle époque* carioca do início do século XX, é extremamente atual em seu olhar sobre o indivíduo e sua inadequação perante a cidade. E foi a partir deste material que se configurou o tema da peça *Cabeça de papelão*: o indivíduo inadequado em relação ao meio social. Através do percurso de estudos: cidade > indivíduo > relação cidade/indivíduo inadequado, e tudo isso filtrado pelo olhar da Revista, chegou-se ao *País do Sol* indicado por João do Rio e teatralizado pela Cia. da Revista.

E é nesta nação dos bacharéis que surge como contraponto à sociedade o jovem Antenor - aquele que tem a inadequada mania de dizer a verdade, “não a verdade útil, mas a verdade verdadeira”. Nesta nação, os interesses da sociedade e ideais do indivíduo entram em choque. Mas Antenor percebe a vantagem de aderir *cordialmente* ao sistema social e suas regras. O sujeito inadequado transforma-se em homem cordial.

O país fictício de João do Rio, este “país do bom senso”, interessou à Cia. da Revista por apresentar um recorte da formação social brasileira. E também por tratar-se de uma alegoria em franco diálogo com a linguagem revisteira. Assim, depois do processo de montagem de *Cabeça de papelão*, a Cia. da Revista avaliou que outras cabeças poderiam surgir deste mesmo País do Sol, dando continuidade à sua busca artística; de olho no futuro,

mas com os dois pés no presente. É daí que nasce um novo projeto de pesquisa: a Cia. se lança na obra dos Buarque de Holanda. A obra musical de Chico e a fricção dos personagens buarqueanos com a obra do pai, Sérgio, foram o tema de um segundo projeto de fomento, em 2013. Em 2014, a Cia. estreia no Centro Cultural Banco do Brasil o musical *Ópera do malandro*, fruto desse estudo. A *Ópera* revelou camadas de um Brasil sombrio: a ditadura de Vargas, tempo em que se passa a ação; a ditadura militar, época em que foi escrita a peça; e hoje, nossa ditadura do consumo, ou como diz a personagem Teresinha, premonitoriamente: “a multidão vai estar é seduzida”. Multidão seduzida por marcas, pelo desejo de ostentar e acumular.

O Teatro de Revista, referência constante da Companhia na construção de seus espetáculos, foi um gênero que contribuiu diretamente para a formação cultural do Brasil. Podemos dizer que difundiu nossos costumes através de espetáculos em quadros que satirizavam a sociedade através do duplo sentido, de muita música, da comicidade e do visual exuberante. Os grandes cenários, a pouca roupa das vedetes e o domínio da cena teatral eram as qualidades exploradas para revelar a hipocrisia da sociedade, fazendo-a rir de si mesma através de uma realidade superdimensionada. O gênero, categorizado como popular, atendia a todas as camadas sociais: a Revista sempre teve o objetivo de “servir” a todos. Foi o gênero mais expressivo que se consolidou em mais de cem anos de história.

Minha busca como diretor sempre foi aliar linguagens e pensamentos aos acontecimentos contemporâneos. O Teatro de Revista fazia isso, mas de forma direta, sem expor as contradições. Não acredito em uma “volta aos velhos tempos”, com escadarias e montagens grandiosas. O olhar para os dias de hoje parte da revisão das relações sociais. Buscamos uma “Revista contemporânea”, uma forma de se comunicar com o público através das convenções e estruturas que esse gênero trazia para a cena, mas com o olhar apurado ao passar em revista as ações e conceitos humanos, sociais e políticos.

Somos um país mestiço, com memória curta e opiniões encerradas. Somos *Antenores* com suas cabeças de papelão e certezas inabaláveis. Somos cordiais e violentos; nossa cordialidade é invasiva e imperativa, portanto violenta. Aqui, o abandono do Estado torna a *fraternité* um termo impraticável. O individualismo, o “salve-se quem puder” parece ser a única solução possível. Percebo que o momento em que vivemos está se

tornando o início de um ponto de combustão, gerado por pouca discussão e muita informação externa: a velocidade do tempo se constrói com saltos e, em breve, poderemos estar perdidos. E então, um lapso de consciência revelará o precioso tempo perdido. Que atravessamos fronteiras sem nos darmos conta quais foram as perdas pelo caminho. E cabe ao teatro, desde já, antever e resgatar as perdas futuras. Resgatar esses olhares, esses momentos; cabe ao teatro sua função mais “arcaica”: comunicar e provocar. Discutir e reagir. Contraditoriamente arcaico e vanguardista. E, certamente, fazer tudo isso em “bando” torna o discurso mais potente e afirma um desejo de estar no mundo fraternalmente. Sempre.

De outro modo, mas amparado pela mesma convicção, parafraseando Chico Buarque de Holanda, em *Deus lhe pague*: “Pelo rangido dos dentes, pela cidade a zunir/ E pelo grito demente que nos ajuda a fugir”.